



CIRCUITOS DE ATUAÇÃO E ARRANJOS COLETIVOS NAS CAMPANHAS ATIVISTAS DO MOVSAM E DO #TIRAOPEDAMINHASERRA¹

Adriana Bravin – Universidade Federal de Ouro Preto

RESUMO

Esta comunicação aborda a mobilização de dois arranjos coletivos que destacam-se em relação à criação de circuitos de atuação e resistências, em ambiente digital, no contexto dos conflitos com a mineração. São eles: as campanhas realizadas pelo Movimento em Defesa das Serras e Águas de Minas (MovSam) e a mobilização ativista #tiraopedaminhaserra, ambos vinculados ao território do Quadrilátero Ferrífero-Aquífero (QFA), em Minas Gerais, ao uso da Internet e à participação cidadã no enfrentamento às ameaças da atividade de mineração.

PALAVRAS-CHAVE: ATIVISMO AMBIENTAL; INTERNET; MINERAÇÃO; CONFLITOS

1 INTRODUÇÃO

Em pesquisas anteriores, apontamos a existência de uma escola de ativismo socioambiental contra a mineração em Minas Gerais (BRAVIN, 2018; 2019) constituída por alianças entre distintos atores sociais em uma rede local-global, e o aprendizado coletivo colocado em prática nos diferentes movimentos sociais e mobilizações contra as ameaças da atividade mineradora às serras e fontes de água. Na sequência, cartografamos a formação de redes de ecologia comunicativa-conectiva (DI FELICE, 2017) em territórios afetados pela mineração e a mobilização de movimentos sociais a cidadãos, de hashtags a aplicativos de mensagens instantâneas e armazenamento de dados em nuvem, a agirem nas redes sociais, em ações compartilhadas (PAIVA; BRAVIN, 2023). Essas conexões em rede *on* e *offline* geram novas formas de se organizar, comunicar, resistir e elaborar novas esperanças (CASTELLS, 2013). Nesta comunicação, abordamos a mobilização de dois arranjos coletivos que destacaram-se em relação à criação de circuitos de atuação e resistências para a sobrevivência nesses conflitos. São eles, as campanhas do Movimento em Defesa das Serras e Águas de Minas (MovSam) e a mobilização ativista #tiraopedaminhaserra, ambos vinculados ao uso da Internet e à participação cidadã no enfrentamento à mineração, em Minas, em ambiente digital. Nesta abordagem, objetivamos compreender qual a contribuição das campanhas ativistas do MovSam e do #Tiraopedaminhaserra para a visibilização dos conflitos e proteção das serras e águas de MG, a partir das novas mídias. Para tanto indagamos: Qual a finalidade das campanhas; Por quem são financiadas; Quais plataformas são utilizadas por essas associações; Como mobilizam por meio da Internet;

2 METODOLOGIA

Abordamos o uso do método da cartografia em trabalhos no campo da Comunicação e nos estudos envolvendo as emergências da área, a partir da proposta de Passos, Kastrup e Escóssia (2009), e entendendo a cartografia como um método processual, a ser praticado para ser compreendido. E, ainda, como um rizoma, sendo a cartografia “não somente método da geografia clássica territorial, mas tática micropolítica cotidiana composta pela ação política; um fazer insurgente, dinâmico, sempre processual e criativo” (RENA *et al*, 2016, p. 15). O caminho para se chegar ao método cartográfico propõe: 1) o pesquisador parte de um planejamento que terá indicativos dos passos a

¹ Trabalho apresentado no GT5 – Comunicação Cidadã e Inovações Tecnológicas da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

seguir; 2) observação e registro de dados; 3) organização dos dados a partir das repetições encontradas no objeto de pesquisa e suas linhas de fuga; 4) interpretação dos dados. Nesse sentido, assim como Lopes *et al* (2019), nos inspiramos em uma cartografia indisciplinar para rastrear os atores e suas conexões em processos contra-hegemônicos, como grupos minoritários ou em territórios periféricos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Conflitos ambientais são compreendidos como diferentes formas de valoração material e simbólica da natureza que levam a disputas de significado e a processos desiguais de apropriação e uso dos territórios (ASCERALD, 2004). A singularidade das situações conflituosas envolvendo a atividade mineradora nos diz dos esforços empreendidos pelos grupos sociais para denunciar os impactos ambientais e sociais resultantes das práticas desrespeitosas desta atividade para com comunidades e meio ambiente, para apontar (e cobrar) a responsabilidade dos agentes públicos e para reivindicar outros valores para o(s) território(s) ameaçado(s). Nesse sentido, a nossa perspectiva comunicacional sobre o papel dos movimentos sociais é devedora da compreensão de que eles são meios que falam através da ação e têm como função anunciar para a sociedade que existe um problema em uma dada área que poderia, inclusive, ser considerada uma função profética, como uma espécie de novos meios de comunicação (MELUCCI, 1996, p. 70). Castells (2013) irá definir a comunicação existente nos movimentos sociais como “autocomunicação de massa”, caracterizada por “(...) redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa, na internet; e, ainda, nas redes de comunicação sem fio, atualmente a principal plataforma de comunicação em toda parte (CASTELLS, 2013, p.129). Essa comunicação é muito mais do que uma ferramenta, tornando-se todo um contexto da sociedade em que esses movimentos sociais surgem. Assim, o espaço de redes sociais - o qual abriga a organização dos movimentos e até mesmo o constitui, o fomentando - é de natureza multimodal, ou seja, constitui-se por redes horizontais de comunicação interativas, as quais são dispersas em vários veículos diferentes e, assim, mais dificilmente controladas por governos (CASTELLS, 2013).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A campanha #Tiraopédaminhaserra, uma mobilização da sociedade civil em defesa da Serra do Curral, cartão-postal da capital Belo Horizonte, ameaçado por atividades mineradoras, mobilizou a opinião pública entre 2021 e 2022, utilizou uma hashtag e um site em plataforma independente na Internet e alcançou maior projeção a partir de abril de 2022, com a adesão de artistas e figuras públicas. A campanha inovou ao criar grupos de mobilização no Whatsapp e Telegram, com distribuição de materiais de campanha (ativismo) e acesso a um Drive, trocas de mensagens auxiliaram em twittaços, compartilhamento de hashtags, monitoramento de decisões políticas, abaixo-assinados. O MovSam realizou, desde 2014, campanhas sobre temas específicos envolvendo a mineração: Minério Não se Bebe (2014); Água Vale Mais que Minério no Quadrilátero Ferrífero-Aquífero, MG (2015); Rompendo a Lama (2019); Janeiro Marrom (2020-2024); A Verdade Sobre Apolo (2023, com Movimento Gandarela). Em todas, o movimento utilizou a Internet, mas este uso não foi exclusivo, pois combinou circuitos *on* e *offline*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mobilizações diferem em relação ao alcance temporal e à forma de agenciamento no ambiente digital. As do MovSam têm caráter de denúncia e visibilização da ação das mineradoras para informar e contra-argumentar sobre os projetos que ameaçam diversas regiões do QFA; possuem permanência temporal e constituem-se a partir de uma rede horizontal de atores que atua desde sua fundação, em 2008. Reforça-se a prática de vigilância civil. A #Tiraopedaminhaserra demonstrou caráter ativista, efêmero e pontual – a defesa da Serra do Curral, tendo suas características de ação conectiva mais reforçada na Internet por meio das estratégias de difusão e viralização de conteúdo nas redes sociais, vitórias jurídicas por meio das mobilizações e projeção no circuito da mídia hegemônica.

Referências

ASCERALD, Henri. Conflitos ambientais no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2004

CASTELLS, M. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRAVIN, Adriana. **Gandarela, a serra e o movimento** : ação coletiva e comunicativa na antecipação aos danos da mineração. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/48528/1/ADRIANABRAVIN_TESE.pdf

BRAVIN, Adriana. Uma escola de ativismo socioambiental: os movimentos que dizem “não” à mineração no Estado de Minas Gerais. 42º. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. (Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) – Belém-PA – 2 a 7 de setembro de 2019. GP Comunicação para a Cidadania. 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1990-1.pdf>

FELICE, M.; PEREIRA, E (orgs). **Redes e Ecologias Comunicativas Indígenas**. As contribuições dos povos originários à Teoria da comunicação. São Paulo: Paulus Editora, 2017

LOPES, M. S. B.; RENA, N. S. A.; SÁ, A. I. Método Cartográfico Indisciplinar: da topologia à topografia do rizoma. V!RUS, São Carlos, n. 19, 2019. [online] Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/43561/2/M%C3%A9todo%20Cartogr%C3%A1fico%20Indisciplinar.pdf> Acesso em: 13 Dez. 2023.

MELUCCI, Alberto. Challenging codes: collective action in the information age. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

RENA, N. S. A.; SÁ, A. I. J. A.; LOPES, M. S. B.; FRANZONI, J. Á. Grupo de Pesquisa Indisciplinar: Método, Ativismo e Tecnopolítica na Defesa dos Bens Comuns Urbanos. In: CONGRESO INTERNACIONAL CONTESTED_CITIES, 5., 2016, Madrid. **Anais...**

PAIVA, L.; BRAVIN, A. As Redes e Ecologias Comunicativas no Enfrentamento à Mineração em MG: ativismos socioambientais nas conexões de cidadãos e territórios atingidos. 46º. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. (Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) – PUCMinas – 2023.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.